

COMPORTAMENTO SEXUAL EM ESCOLARES BRASILEIROS: PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR (PeNSE, 2015)

KAISSÉS COSTA SEDRÊS¹; TIAGO NEUENFELD MUNHOZ²;

¹Universidade Federal de Pelotas – kaisses.s@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tiago.munhoz@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta, período onde ocorrem importantes transformações nos indivíduos (IBGE, 2016; OLIVEIRA-CAMPOS *et al.*, 2014). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), adolescentes são os indivíduos de 10 até 19 anos de idade (MCINTYRE, 2002), neste período se estabelecem padrões futuros de comportamento em saúde da vida adulta, dentre eles, o fenômeno da sexualidade (SASAKI *et al.*, 2014).

No Brasil, nos últimos anos, ocorreu um aumento nos casos de indivíduos adolescentes diagnosticados com o vírus HIV, umas das mais conhecidas infecções sexualmente transmissíveis (IST), principalmente por ser a causadora da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), uma doença crônica que apesar de já existirem tratamentos conhecidos, não possui cura definitiva (TAQUETTE, 2013). As IST são potencialmente evitáveis com a utilização de métodos preventivos, como o preservativo masculino e feminino.

A pesquisa de BORGES *et al.* (2016) utilizando dados do Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (ERICA) em indivíduos com idade entre 12 a 17 anos identificou que mais de um quinto dos adolescentes acima de 14 anos (21,4%) já haviam iniciado sua vida sexual. Também foi observado que nos adolescentes com 12 anos que já haviam tido relações sexuais, apenas 46,9% relataram o uso de preservativo masculino. O uso de algum método contraceptivo durante a última relação sexual foi menor entre meninos (80,3%) do que em meninas (85,2).

Considerando a importância do tema, o objetivo deste trabalho é descrever o perfil do comportamento sexual em escolares brasileiros.

2. METODOLOGIA

Este é um estudo transversal, com dados coletados pela PeNSE, que possui abrangência e representatividade nacional. Desde 2009, é realizada a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), tendo ocorrido até agora 3 edições (2009, 2012, 2015), sua população alvo são os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e, desde 2015, os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio.

Um dos fatores de risco e proteção avaliados pela PeNSE refere-se à saúde sexual dos participantes. Para avaliação destes fatores, foram coletadas informações sobre a iniciação sexual, uso de preservativos, orientações sobre prevenção contra ISTs e quanto aquisição gratuita de preservativos (CAMPOS *et al.*, 2013).

As co-variáveis investigadas neste estudo foram o sexo (masculino e feminino) e a idade (13–17). Para analisar os dados coletados, utilizou-se o software Stata, versão 13.1 (Stata Corp., College Station, United States). Análises

bivariadas foram realizadas utilizando-se o teste qui-quadrado com o prefixo svy (que estima os pesos amostrais em amostragens complexas), com resultados expressos em prevalências.

A PeNSE foi aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) de acordo com o parecer nº 1.006.467/2015. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nos *smartphones* utilizados (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Informações sobre comportamento sexual estavam disponíveis para 101.566 escolares no Brasil. Em relação a característica da amostra, destaca-se que 85,5% estavam matriculados em escolas pública e aproximadamente metade eram do sexo feminino (51,4%) e tinham idade igual a 14 anos (51,1%). Dois em cada cinco escolares autodeclararam sua cor da pele como parda (43,1%) e um em cada quatro escolares eram filhos de mães com escolaridade de doze anos ou mais (24,4%).

Do total de adolescentes entrevistados, 28.577 (27,5%) informaram ter tido relação sexual até o momento da entrevista, sendo quase duas vezes maior entre os meninos (36,0%) do que entre as meninas (19,5%). Esse perfil é similar com os resultados da PeNSE 2012, onde 28,7% dos escolares já haviam tido relação sexual alguma vez na vida, duas vezes maior em meninos (39,6%) do que em meninas (18,6%) (OLIVEIRA *et al.*, 2017). É interessante comparar estes resultados aos que foram obtidos por PRIOTTO *et al.* (2018) com seu estudo em cidades da tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina, onde foi observado que 20,4% dos adolescentes brasileiros entre 12 a 14 anos de idade já haviam tido iniciação sexual, proporção inferior aos adolescentes argentinos (25,9%) e superior aos adolescentes paraguaios (11,9%).

A maior parte dos escolares relatou que a idade da primeira relação sexual foi aos 14 anos (31,0%). Observou-se que os meninos relataram que a idade da primeira relação sexual foi mais precoce (9 a 11 anos) do que entre as meninas (14 a 16 anos). Estes dados são parecidos com os da PeNSE 2009, onde a primeira relação sexual é mais precoce sempre nos meninos (CAMPOS *et al.*, 2013). A prevalência de iniciação varia entre países, influenciada majoritariamente por diferenças culturais (PRIOTTO *et al.*, 2018), porém a iniciação sexual precoce nos meninos como efeito da pressão social para provar a masculinidade é um importante diferencial de gênero (OLIVEIRA-CAMPOS *et al.*, 2014).

De maneira geral, as meninas tiveram um número menor de parceiros sexuais do que os meninos – mais da metade das meninas (54,8%) relatou ter tido relação sexual com apenas um parceiro. CRUZEIRO *et al.* (2010) conduziu um estudo na cidade de Pelotas (RS) com uma amostra de 800 adolescentes, relatando ter um parceiro sexual era mais frequente entre meninas do que entre meninos.

Mais de 60% dos escolares relataram a utilização de algum método para prevenção de IST na última relação sexual, com maior frequência entre as meninas (72,1%) do que entre os meninos (60,3). É interessante observar que foram as meninas também que mais relataram receber informações de como se prevenir contra IST, 88,4%, contra 86,2% dos meninos. Prevalências similares aquelas encontradas por OLIVEIRA *et al.* (2017) em sua pesquisa em Goiás, onde as meninas (88,8%) superavam os meninos (88,3%) em informações sobre como prevenir-se de ISTs.

Dois em cada três escolares relataram a utilização do preservativo masculino na última relação sexual, com frequência similar entre os sexos. A pesquisa de MOLA (2016) utilizando o *Youth Risk Behavior Survey* observou um resultado contrário, onde sua pesquisa com jovens de 12 a 24 anos do Ensino Público estadual encontrou uma porcentagem maior de meninos utilizando preservativo (68,4%) do que meninas (62,0%).

A utilização de outro método anticoncepcional durante a última relação sexual foi relatada por 38,7% da amostra. Este comportamento foi mais frequente entre as meninas (44,7%) do que entre os meninos (35,2%) – sendo que um a cada seis meninos não sabiam informar sobre esta questão (16,4%). É interessante comparar ao estudo de GUIMARÃES *et al.* (2003) que observou que meninos tinham menos informações (47,8%) sobre anticoncepcionais do que meninas (52,2%).

4. CONCLUSÕES

Aproximadamente um a cada quatro escolares relataram já terem tido relações sexuais, esse número sendo mais expressivo ainda entre os meninos. Esses dados reforçam a importância de fomentar e ampliar os programas de educação sexual antes do 9º ano e apontam para um resultado com menores índices de comportamento de risco, se comparado às edições anteriores da PeNSE, onde um a cada três estudantes já haviam tido relações sexuais.

Observa-se que os meninos precisam também de mais acesso a informações sobre sexo protegido para que possa ocorrer a promoção de saúde sexual e reprodutiva deles, o acesso a essas informações permite evitar a gravidez/parentalidade indesejada e IST's em adolescentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, A. L. V. et al. ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. **Rev Saúde Pública**, v. 50, n. supl 1, p. 15s, 2016.

CAMPOS, Helena Maria; SCHALL, Virgínia Torres; NOGUEIRA, Maria José. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Saúde em Debate**, v. 37, p. 336-346, 2013.

CRUZEIRO, Ana Laura Sica et al. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 1149-1158, 2010.

GUIMARÃES, Alzira Maria D.; VIEIRA, Maria Jésia; PALMEIRA, José Arnaldo. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional de saúde do escolar. 2016.

MCINTYRE, Peter. Adolescent friendly health services: an agenda for change. 2002.

MOLA, Rachel et al. Condom use and alcohol consumption in adolescents and youth. **Einstein (São Paulo)**, v. 14, n. 2, p. 143-151, 2016.

OLIVEIRA, Max Moura de et al. Características da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar-PeNSE. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 605-616, 2017.

OLIVEIRA, Patrícia Carvalho et al. Conhecimento em saúde sexual e reprodutiva: estudo transversal com adolescentes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 19.

OLIVEIRA-CAMPOS, M. et al. Comportamento sexual em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Rev Bras Epidemiol**, v. 17, n. Supl 1, p. 116-30, 2014.

PRIOTTO, Elis Maria T. Palma et al. Iniciação sexual e práticas contraceptivas de adolescentes na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 42, p. e16, 2018.

SASAKI, R. S. A. et al. Comportamento sexual de adolescentes escolares da cidade de Goiânia, Goiás. **Rev Bras Epidemiol**, v. 17, n. sSupl 1, 2014.

TAQUETTE, Stella R. HIV/Aids among adolescents in Brazil and France: similarities and differences. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 618-628, 2013.